



DOSSIÊ TEMÁTICO ÉTNICO-RACIAL DE RESENHAS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA DA ÁREA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Organização:

Flávia Rodrigues Lima da Rocha

Revisão de Língua Portuguesa:

Josuelene da Silva Souza

Laianny Martins Silva

Marilsa Aparecida Alberto A. Souza

Diagramação:

Maycon David de Souza Pereira

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que publicizamos este dossiê de resenhas. As resenhas aqui produzidas são frutos da “Oficina de Resenhas”, realizada dentro do Programa Institucional de Residência Pedagógica da área de História da Universidade Federal do Acre (Ufac), ministrada pela coordenadora institucional do programa na área de História Profa. Dra. Flávia Rodrigues Lima da Rocha e por este que vos escreve.

As resenhas aqui produzidas nesta publicação que ganha vida no dia 20 de novembro, dia em que celebramos a Consciência Negra e o eterno Zumbi dos Palmares, constituindo-se um grande arcabouço de discussão em torno da temática étnico-racial, que vêm a somar para a construção de uma Consciência Negra e para a exaltação da cultura afrocentrada. Externando as riquezas produzidas em torno da história e cultura das populações negras, com suas devidas indagações acerca do racismo e do antirracismo nas sociedades.

Este Dossiê conta com 9 (nove) produções que foram desenvolvidos pelas/os alunas/os residentes da área de História. Com um grande destaque para a cena cinematográfica, onde estas desenvolvem seu olhar sobre a temática étnico-racial na filmografia contemporânea.

A resenha que abre este dossiê é de autoria de *Adrian Araújo Coelho, Elissandra Cruz Vieira e Marcos Vinícius Souza de Carvalho*, trazendo um diálogo acerca do filme *Django Livre*, onde é observada as nuances que este filme trata a escravização, discutindo a objetificação, bem como o estado de barbárie que a película apresenta. Logo em seguida temos a resenha intitulada *Resistência*



e *Revolução em Judas e o Messias Negro*, desenvolvida por *Andressa Queiroz da Silva e Kaliny Custódio do Carmo*, que enveredam na discussão proporcionada pelo filme referente à luta pelos direitos civis da população negra estadunidense, abordando as violações de direitos, bem como as tentativas de enfraquecimento e deslegitimação dos movimentos sociais. Dando sequência temos a resenha de *Beatriz Oliveira da Costa, Karolaine da Silva Oliveira e Thais Albuquerque Figueiredo*, dialogando sobre o filme “*O menino que descobriu o vento*”, discutindo através dessa obra cinematográfica a *Educação como mecanismo de superação*.

Cassia Iasmin de Oliveira Marinho e Paula Vitória Brito da Silva, desenvolvem sua resenha intitulada “*Sob a luz do luar as vivências negras são azuis*”, utilizando o filme “*Moonlight: sob a luz do olhar*” como base para suas discussões acerca das questões relacionadas à raça, gênero e sexualidade. Na esteira, vem *Cyndy Nathana Melo de Souza e Wesley Ramos de Moura*, com sua resenha *Besouro*, dialogando com este filme da década de 1920, questionando a exploração da população negra mesmo após o fim do processo de escravização, mas também enfatizando os processos de resistências por meio da capoeira. Em seguida temos a resenha de *Elissandra Vieira da Silva*, que optou por fazer uma “*Resenha Crítica do filme Kabela*”.

Logo, temos “*O drama, a trama e a chama: Ali, o filme*”, resenha desenvolvida por José Luiz Magalhães Freire e Marcelo Freire Rocha, onde observam o clima de tensão presente no contexto histórico da década de 1960 nos EUA em relação às manifestações de racismo e atritos raciais. Já *Paulo Alves de Azevedo e Andrisson Ferreira da Silva*, discutem a presença incômoda de um médico africano na cidade de Marly Gomont, em sua resenha intitulada “*Bem-vindo a Marly Gomont – racismo e superação na obra de Julien Rambaldi*”. E finalizando nosso dossiê temos a resenha de *Ramon Nere de Lima, Kami Yamaki Uribepe: ‘A última floresta’ (2021)*”, discutindo a valorização dos saberes e das vivências do povo Yanomami.

Estimamos uma excelente leitura de nosso dossiê, e que ele contribua ainda mais para a construção de uma Consciência Negra às/aos nossas/os leitoras/es.

Ubuntu!

Maycon David de Souza Pereira

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS)

Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre (Neabi/Ufac)

Editor Gerente na Revista Em Favor de Igualdade Racial (Refir)



DJANGO LIVRE

Adrian Araújo Coelho¹
Elissandra Cruz Vieira²
Marcos Vinicius Souza de Carvalho³

DJANGO UNCHAINED (Django Livre). Quentin Tarantino. EUA: The Weinstein Company, 2012. Brasil: Columbia Pictures, 2013.

O filme que será trabalhado nesta resenha é Django livre (2013), dirigido por Quentin Tarantino, responsável pelos filmes como Kill Bill (2003), Bastardos Inglórios (2009) e Era Uma Vez Em... Hollywood (2019). O filme retrata a trajetória de Django (Jamie Foxx), um homem negro escravizado e que foi libertado pelo Dr. King Schultz (Christoph Waltz) e partem em busca de salvar a esposa de Django que foi escravizada, Broomhilda (Kerry Washington).

Ao longo do filme outras questões, além da escravidão, serão mostradas e aprofundadas nessa resenha, como a questão da civilização e barbárie, a bestialização de pessoas negras, representações, simbologias e até surgimento de alguns grupos apresentado de forma cômica no longa.

O filme inicia com Django e outros homens escravizados sendo levados a uma fazenda por dois escravagistas, no meio da viagem encontram o Dr. King Schultz que diz querer comprar um dos escravizados, porém não passava de atuação e mata um dos homens que vendia escravos, ele liberta Django e os outros escravos, os deixando livres para fazer o que quiserem, o Dr. leva Django consigo e na próxima cena já identifica-se os primeiros sinais de preconceitos sendo representados, as pessoas da cidade olhando com um 'olhar torto' para ele porque estava montado em um cavalo e para a época, por volta de 1860, um negro montado em um cavalo era tido como uma ofensa.

Na cena seguinte já vemos outro momento de preconceito, onde os dois protagonistas entram em um bar, o Saloon, para beber e ao proprietário ver o Django, pergunta de forma preconceituosa o que um negro está fazendo lá, de imediato o proprietário vai acionar o delegado para prender os dois, é nesse momento que o Dr. Schultz se revela um caçador de recompensas e

¹ Acadêmico de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac.

² Acadêmica de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac.

³ Acadêmico de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac.



explica para Django que ele ganha a vida matando ou prendendo foras da lei e então Django pergunta impressionado: – “Você mata e ganha uma recompensa?” O delegado chega e de imediato é morto pelo Dr. que revela que o tal delegado era na verdade um fora da lei que estava foragido e se passando por homem da lei.

Até aqui, já é possível fazer uma análise, o filme mostra simbologias bastantes interessantes que permite fazer uma reflexão alargada a respeito da escravidão. Uma dessas simbologias é a questão do tratamento social com as pessoas negras que podemos exemplificar em três situações como: a bestialização, a objetificação e infantilização do negro, além disso, esses pontos são formas de controle e dominação dos escravos e a princípio vemos que Django está sob eles. Abaixo detalharemos essas formas de controle:

A bestialização trata os negros de forma como o próprio nome já diz, como se fossem pessoas bestas e sem entendimento daquilo que é considerado civilizado e erudito na sociedade em que vivem.

Enquanto a objetificação, é o mais comum no filme, em que os escravos são tratados como objetos ou mercadorias, onde cada um tem seu dono e seu respectivos valor, não é à toa que durante o filme, os escravos são negociados frequentemente.

E por último, e não menos importante, a infantilização, os escravos são tratados como crianças. Em uma cena específica do filme, um senhor de escravos dá ordem para um de seus escravos que vá brincar na parte de fora da casa.

Continuando o enredo do filme, os dois protagonistas conversam em um acampamento e Django comenta que era casado antes de ser vendido, e o Dr. pergunta se os escravos acreditam em casamento. Logo após, eles vão a uma fazenda onde reside um escravagista, nessa fazenda também estavam três foras da lei que o Dr. estava caçando e diz ao Django que escolheu libertá-lo pois, esses homens estavam na antiga fazenda em que ele era escravizado e precisava da ajuda de Django para reconhecer esses homens, e que após o serviço, Django estava livre definitivamente para seguir o caminho que quisesse.

Quando chegam na fazenda, usam ‘aquele esquema’ de se passarem por senhores de escravos e que queriam adquirir uma das negras que estavam lá. O Dr. Schultz diz logo ao proprietário que Django não é seu escravo, mas sim seu acompanhante e um homem livre e que ele deve ser tratado como tal. O dono da fazenda, intitulado de ‘Paizão’, chama uma das criadas da casa e diz a ela que Django é diferente e não deve ser tratado como os crioulos dali, então acontece o seguinte diálogo, onde a jovem criada pergunta se o Django deve ser tratado como um homem branco e o paizão responde que não, ele não deve ser tratado como um homem branco, apenas tratado de forma diferente dos negros do local.



Django encontra um dos procurados pronto para açoitar um dos escravizados por ter quebrado alguns ovos e logo intervém matando-o com um tiro no peito, na sequência aparece o segundo e então o protagonista o açoita até a chegada do Dr., que rapidamente identificam o terceiro alvo e o matam, finalizando assim o serviço. O paizão chega ao local ameaçando os dois heróis e então o Dr., logo explica a situação e diz que se qualquer coisa acontecesse a ele ou Django, Paizão teria que se entender com o governo dos Estados Unidos da América (EUA). Django recebe sua liberdade, mas prefere seguir o Dr., para ter ele como mentor e para poder libertar sua esposa.

Outros apontamentos, cabe destacar, por exemplo, o Dr. King Schultz que usou o Django como uma ferramenta, que o libertou para ser uma espécie de farejador para identificar os foras da lei, mesmo não querendo acabar reproduzindo a ideologia escravocrata quando fez isso com o rapaz e quando pergunta se escravos realmente acreditavam em casamento. Outro momento, que merece ser analisado, se dá quando eles estão na fazenda, lá podemos ver o preconceito escancarado do proprietário não só com o Django, mas também com seus capatazes e criados, por exemplo, o momento em que é dito que Django é um homem livre, é visível que ele não aceita isso, mas ‘concorda’ e quando é questionado se devem tratar o herói como um homem branco, ele responde que não, que devem tratá-lo apenas como um ‘crioulo diferente’ dos demais.

Outra passagem do filme, que cabe ser analisado é o surgimento de um grupo que criminoso e extremamente preconceituoso, a Klu Klux Klan, no filme é feito uma paródia da KKK, onde eles surgem logo após o ocorrido na fazenda em que Django foi o protagonista, onde o Paizão e outros capatazes colocam sacos na cabeça e usam tochas e a todo momento o diretor faz questão de rebaixar e colocar esse grupo como ridículo, onde são mal organizados, reclamam de não verem nada com aquelas ‘porcarias de saco’ na cabeça e logo em seguida Django e Dr. Schultz explodem um barril de pólvora neles.

Já na reta final do filme, em que Django e o Dr. chegam à fazenda Candy Land, para salvar Broomhilda, o disfarce de compradores de escravo que vinha funcionando, não enganam o proprietário chamado Calvin (Leonardo DiCaprio) e muito menos o mordomo Stephan (Samuel L. Jackson), que apesar de ser escravo, não aceita isso e quer ser tratado como igual como os brancos, inclusive tem preconceito com outros escravos por não viverem dentro da casa grande.

Diversas coisas acontecem e nesse momento Django já está de certa forma emancipado e tomando controle das situações, o que chega até a assustar seu companheiro que fica impactado com a frieza que Django tem durante o disfarce em um momento que o Dr. tenta comprar um escravizado do proprietário para salvá-lo, mas Django intervém dizendo que não faria, pois disse que “não valia a pena gastar em um preto que já à beira da morte”. Calvin e Stephan descobrem o disfarce e trazem a esposa de Django e os ameaça dizendo que irá matá-la por terem tentado o



enganar, mas antes faz todo um discurso dizendo que negros são escravos por natureza. Os heróis conseguem salvar Broomhilda, porém passando por problemas, mortes importantes acontecem e Django novamente precisava lidar com prisão dele e da esposa, no fim Django consegue se libertar e salvar os dois e destruir a Casa Grande.

Com esse arco final chegamos na conclusão e no fim das análises, ao longo do filme e da resenha vimos muitas simbologias, representações, preconceitos acontecendo de forma escancarada e sutil, notamos que cada personagem representa algo, o Dr. King Schultz seria a representação do mito da civilização como supressão da barbárie, o monopólio da violência na mão do estado, valores como a razão, o humanismo e a erudição, ou seja, o Doutor é tudo aquilo que vai instrumentalizar Django a quebrar as amarras simbólicas de sua escravidão.

Antes de decidirem salvar Broomhilda, Django já está bem avançado no processo de transformação, não tendo mais a mentalidade de um cativo e sim de um ser livre e empoderado. Da mesma forma que temos Schultz como o a representação da ideologia antiescravista, temos Calvin Candie, como a representação máxima da ideologia escravista, representando de forma contrária tudo o que era pregado pelo Dr. Schultz.

Podemos ver a ideia que Calvin, e outros indivíduos, têm em relação aos negros, de que por natureza elas são escravas e nada mudaria isso, pois faz parte de sua genética. Vemos como Django se sentiu deslocado logo após ter sua liberdade, pois não sabia o que fazer e nem o que podia fazer, os exemplos que podemos citar é quando estão no Saloon e doutor vai servir cerveja para ambos, ele fica em pé e não bebe pois não sabia que poderia sentar ou beber algo sem precisar de permissão, outro caso semelhante é quando lhe é oferecida a oportunidade de escolher suas roupas, novamente ele se impressiona porque antes ele não tinha essa liberdade.

Podemos dizer que nós, telespectadores, crescemos e evoluímos com o protagonista, pois acompanhamos seu trajeto por inteiro, de escravo à um homem livre, vimos ele entender o que é liberdade, o que é humanismo, vimos ele aprender a ler e ser o senhor e protagonista de sua própria história.

REFERÊNCIA

LINGUAGEM, ato de. Django Livre - Escravidão, Civilização e Barbárie. YouTube, 28 de dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=da2K5v-oZPo>. Acesso em: 13 de jan. 2021.



RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO EM JUDAS E O MESSIAS NEGRO

Podem matar um libertador, mas não podem matar a libertação. Podem matar um revolucionário, mas não matam a revolução. E podem matar um combatente pela liberdade, mas não matam a liberdade.
Trecho do filme Judas e o Messias Negro (2021)

Andressa da Silva Queiroz⁴
Kaliny Custodio do Carmo⁵

JUDAS AND THE BLACK MESSIAH (Judas e o Messias Negro). Direção: Shaka King. Produção: Shaka King; Ryan Coogler; Charles King. Distribuição: Warner Bros. Pictures, 2021. (126 min)

O filme objeto de análise desta resenha é um drama biográfico baseado em uma história real, lançado no ano de 2021, narra a história de Fred Humpton, ativista negro estadunidense, uma das lideranças do grupo revolucionário Panteras Negras (*Black Panthers*). A obra tem a direção de Shaka King, teve seu roteiro escrito pelo diretor e por Will Berson, a produção do filme, além de contar com a participação do diretor, agrega a colaboração de Ryan Coogler e Charles King. O filme foi aclamado pela crítica especializada, atingindo taxa de aprovação de 96% pelo *Rotten Tomatoes*.

Figura 1 - Cartaz promocional



Fonte: IMDb (2021).

⁴ Mestra em Letras, Linguagens e Identidades (PPGLI/Ufac), membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - Neabi/Ufac.

⁵ Bacharela em História (Ufac), membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - Neabi/Ufac.

O elenco composto por Daniel Kaluuya (como Fred Humpton), Lakeith Stanfield (como William O’Neal), Dominique Fishback (Deborah Johnson), Jesse Plemons (Roy Mitchell), Aston Sanders (Larry Roberson) e Algee Smith (Jake Winters).

Figura 2 - Elenco Principal



Fonte: IMDb (2021).

As atuações de Daniel Kaluuya e Lakeith Stanfield foram bastante elogiadas pela crítica, Kaluuya foi o ganhador na categoria “Melhor Ator Coadjuvante”, na 93ª edição do Oscar, a obra teve seis indicações na mesma premiação, além do prêmio citado, o filme também ganhou na categoria “Melhor Canção Original”, pela canção “Fight for You” de H.E.R e Dernst Emile II. Ademais, Kaluuya também ganhou na mesma categoria nas premiações: Globo de Ouro, Critics Choice Awards, Screen Actors Guild Awards e BAFTA Awards. Ao todo o filme teve 40 (quarenta) premiações em diferentes categorias e 61 (sessenta e um) indicações em premiações.

A narrativa se desenrola no final dos anos 1960 e se inicia quando um ladrão de carros, William O’Neal, se torna um “agente” infiltrado no grupo revolucionário Panteras Negras de Chicago coagido pelo agente do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) Roy Mitchell, quando esse o flagra com um distintivo falso e o faz escolher entre ir para a prisão ou se infiltrar no grupo.

E como esperado, a partir do título do filme, há uma “traição” entre os personagens protagonistas, retomando ao título que faz uma alegoria ao famoso acontecimento bíblico da traição de Jesus, o Messias, pelo amigo e companheiro Judas. Dessa maneira, há comparações feitas entre o ato de traição de William (Judas) a Fred (Messias Negro).

O filme passa-se no contexto da luta pelos direitos civis da população negra norte-americana, onde Fred, líder do partido dos Panteras Negras, tenta atrair mais pessoas para a causa. William, já infiltrado, aproxima-se de Fred e no decorrer da trama conquista a confiança do líder do grupo revolucionário e proximidade com seus integrantes, entretanto, seu pacto com o agente Roy Mitchell faz com que a desistência do plano de espionagem não seja uma opção. Assim, através das



informações repassadas por Judas (Willian), o Messias Negro (Fred) é assassinado pelo FBI, trazendo para o público uma forte alusão a traição acometida na última ceia, retratada na Bíblia Sagrada, quando Judas Iscariotes entrega Jesus Cristo aos seus algozes.

Judas e o Messias Negro trazem a problemática de como os negros norte-americanos tinham seus direitos violados, além da violência e da opressão acometida por quem, em tese, deveria zelar e proteger. A produção escancara o racismo praticado pelas instituições policiais, que até hoje é eminente, mostra a tentativa de enfraquecimento e deslegitimação dos movimentos sociais com pauta racial, além do mais, é possível perceber os interesses que perpassam dentro dos espaços de poder, no caso retratado no filme, o FBI, como a corrupção e a manipulação dos mais desfavorecidos em prol dos interesses das classes dominantes.

Entretanto, o filme retrata ainda o desejo de liberdade daqueles que lutam, expõe que o diálogo também é necessário para obtenção de conquistas e que muitas perdas e sacrifícios ocorreram para que o povo negro pudesse ser livre de forma plena. Além disso, a trama também retrata como a população negra norte-americana para sobreviver, diante do contexto de racismo, acaba se aliando ou se submetendo aos interesses da branquitude. Mas, não podemos esquecer que mesmo diante dessa situação, a população negra achava uma maneira de resistir e existir.

É uma obra que prende atenção do público do início ao fim, tanto pela atuação das personagens da trama, quanto pelo enredo emocionante dos seus 126 (cento e vinte e seis) minutos de duração. Indicada para aqueles que visam compreender melhor sobre o que era o grupo revolucionário Panteras Negras e o contexto de racismo estadunidense.



“O MENINO QUE DESCOBRIU O VENTO”: EDUCAÇÃO COMO MECANISMO DE SUPERAÇÃO

Beatriz Oliveira da Costa⁶
Karolaine da Silva Oliveira⁷
Thais Albuquerque Figueiredo⁸

O MENINO que descobriu o vento. Direção: Chiwetel Ejiofor. Reino Unido: Netflix, 2019. (1h 53min.)

O filme “O menino que descobriu o vento”, é uma produção cinematográfica baseado no livro “Boy Who Harnessed The Wind” escrito por William Kamkwamba e Bryan Mealer. O drama bibliográfico em seus 113 minutos, conta a história de William Kamkwamba, um menino morador de um pequeno vilarejo em Malawi, localizado na África Oriental. Seu país passava por uma terrível seca, acarretando ao seu vilarejo uma grande escassez de alimentos. William Kamkwamba frequentava a pequena biblioteca de sua escola escondido, pois seu pai já não tinha condições de pagar a mensalidade em virtude do mau sucesso da colheita, lia livros de ciência e por meio de dois deles conseguiu elaborar um moinho, utilizando peças de um ferro velho e a roda de uma antiga bicicleta, seu terceiro moinho construído possibilitou o bombeamento de água, permitindo a irrigação da plantação.

O filme foi lançado em janeiro de 2019, dirigido e roteirizado por Chiwetel Ejiofor, que participou inclusive como ator. Ejiofor atuou também no longa metragem “12 anos de escravidão (2013)”. A presente resenha tem por objetivo demonstrar como a educação é importante para o futuro e pode beneficiar não apenas o indivíduo em si, mas toda uma comunidade.⁹

⁶ Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista no Programa Institucional de Residência Pedagógica, atuando na linha, “O processo de construção do docente em História: possibilidades e desafios da formação inicial e da formação continuada do fazer-se historiador em sala de aula”. - E-mail, beatriz.costaoliveira007@gmail.com.

⁷ Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista no Programa Institucional de Residência Pedagógica, atuando na linha, “O processo de construção do docente em História: possibilidades e desafios da formação inicial e da formação continuada do fazer-se historiador em sala de aula”. E-mail, karolainysilva417@gmail.com

⁸ Discente de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e identidades da Universidade Federal do Acre (PPGLI/Ufac). Graduada em História Licenciatura pela Ufac. Membro do Neabi/Ufac, pesquisadora voluntária no Programa Institucional de Iniciação Científica (Pivic). Bolsista no Programa Institucional de Residência Pedagógica, atuando na linha, “O processo de construção do docente em História: possibilidades e desafios da formação inicial e da formação continuada do fazer-se historiador em sala de aula”. E-mail: thaisalbuquerque07@gmail.com.

⁹ O menino que descobriu o vento, um drama biográfico. Disponível em: <https://negre.com.br/o-menino-que-descobriu-o-vento-um-drama-biografico/>. Acesso em: 12 jan. 2022.



Malawi é um país predominantemente agrícola, exportando principalmente Tabaco, chá, amendoim, açúcar, café, arroz, vestuário e leguminosas, para a União Europeia, Estados Unidos da América, Japão e alguns países africanos.¹⁰ O país encontra-se entre os mais pobres do mundo, tendo as suas dificuldades em decorrência do clima subtropical, que causa enchentes em um determinado período do ano e a seca, prejudicando dessa forma as plantações, além disso existem os problemas políticos e sociais.

Malawi foi colônia do Reino Unido até 1964, ficando até a década de 1990 sob liderança do presidente autoritário Kamuzu Banda, tendo eleições multipartidárias somente a partir de 1994. A estimativa de vida da população é baixa, chegando em média a 50 anos, há também uma alta taxa de mortalidade infantil e doenças como a AIDS, HIV, Hepatite A, febre tifoide e malária.

Os problemas do país são utilizados como um plano de fundo na trama. Para chegar à escola Willian passa por caminhos secos, na plantação o pai precisa enfrentar a terra dura ou as águas da chuva, enquanto isso mãe e filha cuidam do trabalho doméstico. Ao longo do filme a educação é ressaltada como fator importante na vida do indivíduo, sendo sempre mencionada, até mesmo pela irmã de Willian que sonha em ir para a universidade. O problema é que a educação era algo restrito a determinada parte da população, não sendo pública como ocorre no Brasil.

Em Malawi o número de meninas na escola é inferior ao de meninos, isto pode ser percebido nas cenas que se prosseguem na sala de aula do Willian e nos diálogos feitos entre a sua irmã e sua mãe, onde Anne diz querer fazer uma faculdade, mas suas expressões fazem o espectador perceber ser algo bem distante a se concretizar. De acordo com alguns estudos realizados a respeito da educação no país africano, a desigualdade educacional entre meninos e meninas é algo gritante, somente 25% das meninas finalizam o Ensino Básico e apenas 5% completam a Educação Secundária, dando-se pelo fato da gravidez precoce e do casamento, e ainda pela pobreza em que muitas mulheres se encontram (mais de 60% da população vivem na zona de pobreza, com cerca de US\$ 1,25 ao dia).¹¹

Apesar da retratação de um cenário pobre é de suma importância ressaltar a força dos personagens presentes na trama. Mesmo com os vários problemas enfrentados por eles, desde as questões climáticas, políticas e sociais, esses personagens não ficam à espera de um herói branco para salvá-los da situação em que se encontram, situação que o eurocentrismo, capitalismo e racismo levaram para os cinemas.

¹⁰ Informações retiradas do site Embaixada do Malawi. Disponível em: http://www.embaixadadomalawinobrasil.com.br/sobremalawi_.php?id=53 Acesso em: 13 de jan. 2022.

¹¹ Informações retiradas do site “Escolas Exponenciais”. Disponível em: <https://escolsexponenciais.com.br/inovacao-e-gestao/mercys-blessing-no-brasil/>. Acesso em: 14 de jan. 2021.



Em filmes mais antigos como “Sombra e escuridão” (1996), e “Território selvagem” (1997), a salvação do povo africano dava-se início a partir da chegada de um branco munido de coragem, inteligência e misericórdia. Já no filme que retrata uma história real, mesmo em meio à pobreza, cada um tenta de alguma forma solucionar a sua situação, até mesmo tendo como exemplo Annie. A jovem não foge com o seu namorado a partir de uma relação romântica, mas porque encontra nele a chance de dar menos despesas a sua família, enquanto isso William busca construir seu próprio “moinho de vento”, com peças encontradas no ferro velho.

Analisar profundamente o filme “O menino que descobriu o vento” é notar que: o que ainda sabemos sobre os países africanos está embasado em uma história única, como dito por Chimamanda Adichie em seu livro “O perigo da história única” (2009). Ao falarmos de África nossa atenção se volta principalmente para as situações de pobreza extrema de determinadas localidades, dando-se pelo fato de ser apenas essas informações que chegam até nós, “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2009, p.13). Entretanto, o filme possui a capacidade de nos apresentar uma outra história, a de um povo que ainda permanece interligado com os seus ancestrais e seus antigos costumes. Essa ancestralidade traz ensinamentos de respeito com a natureza e os mais velhos, confrontando o consumismo irresponsável pregado pela modernidade que ignora o meio ambiente e os saberes dos povos, seguindo a lógica de apropriação e extração, sem se importar com consequências futuras.

O filme nos possibilita visualizar os africanos como sujeitos imersos em dificuldades existentes também em outros países do mundo, onde enfrentam as desigualdades, problemas na saúde e educação, ameaças à democracia, e tantos outros. Porém, é errado simplificar a existência dos povos africanos a essa única história, ignorando a resiliência realizada por eles ao longo do tempo, assim como feita por outros, “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.” (ADICHIE, 2009, p. 15 e 16).

Ao longo de todo o filme, é possível observarmos aspectos importantes que dizem respeito ao contexto político e econômico, além de críticas e posicionamentos que demonstram uma ideia de modernidade e empoderamento, mencionando este fato ~~é só~~ nos recordamos de uma fala feita pela mãe Agnes direcionada a sua filha Annie, onde ela explicita que não deseja que sua filha torne-se apenas esposa e mãe, mas que possa cursar uma faculdade e ter um futuro diferente da realidade em que se encontravam no momento. O filme desperta um senso de justiça onde rapidamente criamos afeição pelos personagens da trama, a família bem estruturada e provida de afeto não é o



suficiente para manter a ordem, à medida que o caos se instaura no vilarejo predominantemente agrícola, os impasses familiares entram em cena.

Como já foi acima mencionado, as fortes chuvas e o agravante de um governo corrupto ocasionam um problema econômico sendo este à escassez de alimento, visto que, a maior parte da comunidade dependia da colheita ou do comércio. A situação político-econômica desfavorável leva a saqueamentos e movimentos políticos, é importante ressaltar a repressão como instrumento de controle, fato este que fica evidente quando o chefe da comunidade é agredido por discordar de pautas do atual governo, a figura do chefe, como porta-voz, demonstra aspectos da cultura e tradição africana. De acordo com uma entrevista concedida a *BBC News*¹² William Kamkwamba, relata que poucas casas possuíam energia elétrica, algo que notamos no desenrolar do filme, a *BBC News* aponta também que apenas cerca 2% das residências no Malawi dispunham de eletricidade. A pobreza constantemente demonstrada é resultado de uma forte política imperialista que predominou no continente africano a partir do século XIX se estendendo até o século XX, não deixemos de lado o contexto histórico que perpassa este continente ao longo dos séculos, Malawi foi colonizado pela Inglaterra, bem como outros países que se encontram na condição de subdesenvolvimento.

William consegue permissão (quando não estava no campo com seu pai) para frequentar a biblioteca da escola (que outrora havia o proibido de comparecer, visto que seus pais não tinham como pagar a mensalidade) onde ele pode estudar sobre energia eólica através de alguns livros já gastos. Com a seca que assola o vilarejo e a falta de alimentação, ele se vê intrigado e instigado a tentar fazer algo por sua comunidade, nessa época centenas de pessoas já haviam morrido em virtude da fome e sua família quase não tinha comida. Inicialmente seus experimentos foram desconsiderados por seu pai, todavia, posteriormente em meio a nenhuma alternativa, seu pai cede o único bem que a família possuía sendo a bicicleta.

O desfecho da história como já imaginamos é bem-sucedido, afinal, William consegue gerar energia através do vento, o que possibilita que uma bomba de água puxe a água do poço irrigando a terra e fazendo com que seja possível plantio e colheita. A construção do moinho de vento fez com que William ficasse reconhecido, além de conquistar uma bolsa de estudos e ir pra faculdade, realizando o sonho seu e de sua família. Ademais, podemos refletir sobre a importância da educação, como mecanismo de mudança social, o grande educador Paulo Freire diz que, “a

¹² Menino do Malauí que construiu moinho de vento é tema de livro. Disponível em: <http://www.nossocinema.com.br/o-menino-que-descobriu-o-vento-as-tradicoes-o-meio-e-o-povo/>, acesso em: 12 jan. 2022.



educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”¹³ - ou seja, William não apenas usou os conhecimentos que adquiriu para si mesmo, ele pôs em prática. Por meio do seu exemplo é possível observar como a educação pode ser transformadora, livros de física gastos se tornaram uma ferramenta nas mãos do criativo Kamkwamba, o menino conseguiu reverter uma situação complexa, auxiliando sua família e a comunidade a solucionar o problema da escassez que estavam enfrentando em virtude da seca.

Dessa maneira, podemos refletir sobre a importância da educação, como sendo um grande mecanismo de mudança social, mais uma vez recordemos Freire (1979) que em uma de suas citações mais célebres afirma que a educação não transforma o mundo a educação transforma as pessoas e pessoas transformam o mundo, o pequeno grande William aos seus 14 anos transformou o mundo das pessoas que estavam ao seu redor. Nesse sentido, é fundamental que haja investimentos, principalmente em países menos desenvolvidos, buscando incentivar pessoas a ampliar seus conhecimentos, acarretando mudanças positivas e trazendo benefícios que serão estendidos a todos.

A obra, inserida na categoria de drama possui uma classificação indicativa de catorze anos, logo, o público-alvo está entre jovens e adultos, a trama baseada em fatos como foi pontuando anteriormente traça um objetivo explícito de envolver o espectador e comover, visto que, parte de uma realidade difícil e injusta baseada em uma histórica verídica. O menino determinado a alcançar seus objetivos em meio às dificuldades expostas deixa ensinado que a educação literalmente muda sua vida. Embora, seus sonhos em determinados momentos estivessem distantes, William não deixou de acreditar em um futuro que pudesse ser diferente, ele foi revolucionário em suas ideias, *Engenheiros do Hawaii* canta que “somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter” – o garoto determinou que seria corajoso e não deixou de sonhar, não se limitando a sua realidade. Veja bem, não estamos romantizando a pobreza e a corrida contra a fome, com desfecho emocionante e motivador, contudo, grandes mentes devem receber o devido reconhecimento. Não é necessário ser um cinéfilo para envolver-se na trama e sutilmente (ou não) perceber o teor e criticidade que muitas vezes ficam nas estrelinhas dos diálogos, o diretor Chiwetel Ejiofor (peço licença para usar uma gíria) deu seu nome. A produção de 2019 consegue inserir elementos como honra, família, luta por direitos, política e a forma mais forte de amar, expressa na cena em que a mãe Agnes interpretada por Aissa Maiga fala com seriedade e emoção que cortaria o próprio braço se necessário.

¹³ COSTA, José Junio Souza. A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>, acesso em: 13 de jan. 2022



Outrossim, “o menino que descobriu o vento” nos deixa a lição mais pura, a educação é sim um mecanismo de mudança, de refúgio, de revolução, por fim, me aproprio das palavras do crítico Sihan Felix (2019)¹⁴ para dizer que o olhar de William ao final do filme, direcionado para o horizonte – como um capitão em total domínio do navio de sua vida, sirva de inspiração para que encontremos o nosso próprio vento em direção a nossa sina.

REFERENCIAS

ADICHIE Chimamanda Ngozi. O **perigo** de uma **história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COSTA, José Junio Souza. **A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica**. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>, acesso em: 13 de jan. 2022.

ENGENHEIROS do Hawaii. **Somos quem podemos ser**. Ouça o que eu digo, não ouça ninguém, 1988. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/12899/>. Acesso em: 14 de jan. 2022.

¹⁴ Crítica, o menino que descobriu o vento: por mais que seja uma chama. Disponível em: <https://canaltech.com.br/cinema/critica-o-menino-que-descobriu-o-vento-138467/>, acesso em: 13 de jan. 2022

SOB A LUZ DO LUAR AS VIVÊNCIAS NEGRAS SÃO AZUIS

Cassia Iasmin de Oliveira Marinho¹⁵
Paula Vitória Brito da Silva¹⁶

MOONLIGHT (Moonlight: sob a luz do luar). Barry Jenkins. EUA: A24/Plan B Entertainment, 2016. Brasil: Diamond Films/Galeria Distribuidora, 2017. (1h51min)

O presente trabalho trata-se de uma resenha crítica do filme estadunidense Moonlight (Brasil: Moonlight– Sob a luz do luar), onde objetiva-se fazer uma discussão a respeito dos recortes de raça, gênero e sexualidade abordados no decorrer do filme, focando principalmente no processo do protagonista se entender como homossexual e os conflitos e preconceitos que decorrem disso, principalmente por ser um homem negro vivendo em uma periferia.

Lançado em 2016 nos Estados Unidos, Moonlight – Sob a luz do luar é o memorável ganhador do Oscar de melhor filme de 2017, além de ter ganhado o Oscar de melhor roteiro adaptado, a obra cinematográfica acumulou 228 prêmios e teve 294 nomeações num total. Tendo a direção do diretor Barry Jenkins, o diretor nos presentearia com a emocionante história em três atos de Chiron cobrindo sua infância, adolescência e finalizando no auge de sua vida adulta. Cada uma dessas fases será nomeada com um dos apelidos que são associados ao protagonista ao longo destas fases sendo eles I – Little (Pequeno), II – Chiron (seu nome de batismo) e III – Black (Preto), respectivamente. A obra cinematográfica tem como base a não publicada semi-autobiografia de Tarell Alvin McCraney's intitulada “*In Moonlight Black Boys Look Blue*” que traduzido para o português seria “*Sob o luar garotos negros parecem azuis*”, o interessante é que o *blue* (azul) em inglês, é uma gíria para triste, assim o título fica com um sentido ambíguo.

Tendo como plano de fundo Liberty City, uma periferia de Miami, a história de Chiron se inicia com ele sendo perseguido por um grupo de *bullies* que o chama de “bicha”, o garoto se esconde em um dos muitos apartamentos abandonados do bairro utilizados para consumo de drogas, quando finalmente se livra dos garotos, Chiron é encontrado por Juan (Mahershala Ali) um traficante de drogas responsável pela área que busca saber o que a criança fazia ali, mas Chiron se nega a dar a Juan qualquer resposta a suas perguntas, mas aceita a comida que lhe é ofertada, tempos depois quando eles já tem saído daquele espaço. Não sabendo onde a criança vive e ante sua

¹⁵ Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista no programa de Residência Pedagógica na área de História.

¹⁶ Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista no Programa de Residência Pedagógica na área de História.



negação em pronunciar qualquer palavra, Juan leva Chiron para sua casa onde vive com sua namorada Teresa (Janelle Monáe) quem ele acredita ser a pessoa capaz de fazer com que Chiron fale. É nesse momento que descobrimos seu nome e que, ele é pouco utilizado, pois todos que o conhecem o chamam de *Little* (Pequeno), Teresa declara ao garotinho que usará então o seu nome de batismo. É nesse momento que temos o vislumbre do conflito de identidade que o garoto atravessará por toda a vida.

Teresa e Juan terão um papel profundamente importante como mentores na vida de Chiron, visto que ele e sua mãe Paula interpretada por Naomie Harris, não tem uma relação harmoniosa, principalmente devido ao fato da mãe estar gradualmente se afundando no vício em drogas, devido a isso ela não provê segurança para que Chiron, sempre muito calado e desconfiado possa se abrir e expor sua dificuldade em entender o porquê ele era chamado de “bicha” pelos colegas, sendo que ele sequer sabe o que essa palavra significa, quem ofertará o espaço seguro para que ele possa se entender será Teresa e Juan, mas principalmente Juan, confirmado na emblemática cena em que ele segura a cabeça da criança sob as águas agitadas do mar e foi ele quem disse a criança que o mesmo seria a única pessoa que podia definir quem ele era, e *bicha* era apenas uma palavra usada para fazer homens gays se sentirem mal sobre si mesmos, mas não havia nenhum problema com isso.

No segundo ato intitulado *II – Chiron*, veremos o impacto da morte de Juan, e a relação de Chiron e sua mãe completamente destruída devido às drogas, nesse momento de sua vida o adolescente já começa a questionar sua sexualidade e ter sua primeira experiência, o bullying que sofria enquanto criança permanece, e enquanto insistem em negar sua identidade usando seu apelido, Chiron apesar de ser ainda mais calado e introspectivo que quando criança, se impõe reivindicando seu nome de batismo e é nesse momento que chegamos a parte mais intensa da história, onde vemos nosso garoto revidar a violência sofrida, decorrente disso, teremos um Chiron adulto, muito parecido com Juan e os demais homens do bairro e pouco com a criança e adolescente que foi, esse ato recebe o nome de *III – Black* enfatizando essa performance de estereótipo do homem preto.

Moonlight é um filme que discute questões ainda veladas socialmente, não apenas por abordar a questão racial, mas por falar sobre ela numa perspectiva LGBTQIA+. É nítido ao longo do filme como o protagonista se encontra em constante apagamento de si mesmo, na tentativa de se encaixar em um padrão estabelecido não somente dentro do bairro em que mora, mas principalmente dentro do ambiente escolar, que não dá o suporte necessário para Chiron entender sobre sua própria sexualidade. Por isso, o garoto acaba buscando essa ajuda fora da escola e fora



de casa também, já que sua mãe Paula é viciada em drogas e não lhe dá suporte no que se refere a esses questionamentos.

Ao longo de sua trajetória escolar Chiron sempre se viu cercado por constantes dúvidas sobre si mesmo e seus sentimentos, como já dito, não se entendendo como homossexual, mesmo que o filme mostre de forma sutil que o protagonista sentia atração por seu colega Kevin (Jharel Jerome). O que não é sutil é a forma como dentro do ambiente escolar não existiu o apoio necessário para aquele jovem menino preto se desprender de suas dúvidas que o acompanham desde a infância, já que buscou em Juan, um traficante de drogas, saber o que era "bicha" apelido dado a ele, nesse sentido vale citar a dissertação para obtenção de mestrado de Almerison Cerqueira Passos (2021):

"A experiência de ser negro tem sido modelada por um projeto ideológico e político que não incluiu as identidades homossexual, lésbica e transsexual, constituindo atos performativos que continuamente reforçam uma cultura de masculinidade cisheterocentrada, misógina e LGBTfóbica." (PASSOS, 2021, p. 115).

Atualmente se é discutido bastante a respeito de como o sistema patriarcal vigente, forçar nos homens a ideia de que chorar, demonstrar sentimentos ou falar sobre seus afetos não são atitudes de um verdadeiro homem. De maneira geral, o homem deve ser o oposto da mulher, essa que naturalmente é frágil e que precisa ser protegida. Esse mesmo sistema patriarcal, opera nos homens negros de maneira ainda mais brutal, basta nos recordarmos que durante a escravização os negros sequer eram considerados seres humanos, e quando estes passam a ser reconhecidos como seres humanos, eles têm seus corpos massivamente fetichizados como nos fala Paulo Melgaço Silva Júnior (2019):

"A identidade sexual do homem negro também é exaltada ou essencializada pelo modelo hegemônico como detentora de virilidade, sendo este considerado bem-dotado e um reprodutor em potencial. [...] Grande parte das representações hegemônicas sobre os homens negros recaem sobre o nosso corpo, nos hipersexualizando, nos desumanizando, ou seja, destituindo-nos dos prestígios, recursos e prerrogativas de sermos "homens-humanos" (SILVA JÚNIOR, 2019, p. 178)."

Se homens brancos que se aproximam minimamente do feminino são logo taxados de "bichas", facilmente categorizados como perfeitos passivos, o homem negro enquanto gay, é visto sendo como o perfeito ativo devido a sua natureza viril e forte, tendo isso em mente, é fácil entender o porquê Chiron não se vê em um lugar seguro, é perseguido pelos colegas e violentado verbal e fisicamente por eles.



Devido a nossa educação colonial cristã, crescemos acreditando que existe apenas homem e mulher e que a heterossexualidade é a norma, e qualquer coisa que fuja disso é um desvio de moral ou uma patologia, sendo assim Chiron é considerado responsável pela violência que sofre e, como vimos ao longo do filme, pouco foi feito para defendê-lo, uma vez que ela é normalizada devido a esse sistema cisheteronormativo, visto que se ele se adequasse a norma comportamental e estética não seria perseguido, isso foi tratado com maestria pela teórica de gênero Judith Butler que nos diz:

“Que pessoas humanas contam como o humano? Que pessoas são elegíveis ao reconhecimento dentro da esfera da aparência e quais não são? E mais ainda, como nos referimos àquelas pessoas que não aparecem e tampouco podem aparecer como “sujeitos”, a partir do discurso hegemônico? Nós sabemos sobre essa questão desde um determinado ângulo, com a teoria de gênero. Há normas sexuais e de gênero que condicionam o que e será “legível” e o que e quem não será, e que expõem aquelas pessoas que falham em serem registradas dentro da inteligibilidade a formas diferenciais de violência social. (BUTLER, 2016, p. 35).

Moonlight nos recorda a refletir as diversas identidades, sexualidades, lutas e afetos de pessoas negras, e principalmente, os enfrentamentos ao sair da norma além do esperado, e apesar da mensagem extremamente forte e triste que cerca nosso protagonista, intensificado pela permanência do tom azul na fotografia do filme, Chiron nos mostra de que apesar de toda a tristeza, o amor pode nascer, e permanecer assim como a rocha que sente o impacto das ondas e que apesar de ganhar novos formatos após cada embate, permanece sendo uma rocha.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos que ainda importam**. In: COLLING, Leandro (org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.

PASSOS, Almerston. **(In)visibilidades (Des)territorializadas na experiência escolar: gênero, sexualidades e masculinidades negras de estudantes do Subúrbio Ferroviário de Salvador/BA**. Salvador, 2021.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Narrativas de adolescentes negros: entre masculinidades, cotidiano escolar e vivências**. Cadernos de Gênero e Diversidade, Salvador, v.5, n.2, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/29259/19534>. Acesso em: 14 jan. 2022.



BESOURO

Cyndy Nathana Melo de Souza¹⁷
Wesley Ramos de Moura¹⁸

BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Brasil, 2009, 133 min. Disponível em: <https://youtu.be/zjugQsP-V6Y>. Acessado em: 14 fev. 2022.

Este presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise do filme Besouro (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff. O filme se passa na década de 1920, em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, apenas alguns anos após a abolição da escravatura, e retrata a história de Besouro (Aílton Carmo) um capoeirista negro que teve grande influência na luta pelos direitos dos negros recém libertos.

Apesar da abolição da escravatura ter acontecido em 1888, a população negra ainda vivia sob o jugo de uma sociedade rural mandatária racista. Os negros, ainda, eram subordinados ao trabalho exploratório nos grandes canaviais para a produção e comercialização do açúcar e frequentemente sofriam humilhações e eram submetidos a castigos físicos, as mulheres eram maltratadas e molestadas pelos “grandes senhores” e a condição da população negra ainda era de uma população subjugada por uma sociedade que ainda tinha forte herança da discriminação racial do período colonial brasileiro, tendo nos coronéis uma das mais representativas figuras simbólicas do poder político e econômico de uma elite branca dominante racista que reprimia qualquer manifestação dos negros, fosse no âmbito cultural, religioso ou político.

O samba, as religiões de matrizes africanas e a capoeira eram proibidos, assim como qualquer representação identitária da cultura de origem africana eram coibidas e reprimidas frequentemente com o uso do aparato de segurança estatal policial a mando das autoridades legais, assim como pelos capangas e capatazes, homens armados que agiam a mando dos coronéis.

A capoeira é um dos pontos fundamentais no decorrer do enredo do filme, representada como instrumento de manifestação flagrante da cultura negra e de luta pelos direitos dos negros, e por esse motivo era frequentemente desmerecida, desencorajada, e repreendida com violência a sua prática.

¹⁷ Licenciada em História pela Universidade Federal do Acre, bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac e discente do curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal do Acre. E-mail: cynodynathana@gmail.com.

¹⁸ Graduando do 8º período do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre e bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac. E-mail: wesley1moura.wm@gmail.com.



Não existia liberdade para esta parcela da população, no entanto, nesse cenário cresce o menino chamado Manoel Pereira, apelidado como Besouro em homenagem ao inseto besouro mangangá, nome de batismo de capoeira escolhido pelo próprio, pois o besouro em questão era preto e voava, o que inspirou um golpe que o capoeirista desenvolveu nas matas, as quais aprendia capoeira com o seu mestre chamado Alípio, um homem negro respeitado e querido por toda a população negra na época. No início do filme Manoel fala para seu mestre: “Não posso porque eu sou menino, não posso porque eu sou pobre, não posso porque eu sou negro”, ao que seu mestre responde que menino um dia cresce e se torna homem, pobre, ele poderia deixar de ser, talvez, mas negro era para a vida toda e que ele deveria ter orgulho de sua cor.

Manoel, então, passa a aprender capoeira com mestre Alípio e quando adulto passou a ser o protetor de seu mestre, que eram perseguidos pela polícia e pelos coronéis por propagar seus ideais de direitos iguais para as pessoas negras.

Em um certo momento, enquanto Besouro estava em uma roda de capoeira e se descuidou da vigilância da segurança de mestre Alípio, ele sai para saciar sua fome numa pequena taverna, seu amigo de infância e discípulo de mestre Alípio, conhecido Quero-Quero (Anderson Grillo), o alerta de que Mestre Alípio não está em casa e saiu sozinho desprovido de proteção e que Besouro haveria negligenciado sua obrigação de proteger o mestre daqueles que ameaçavam sua vida por conta de suas ideias. Porém, Besouro não dá a devida importância e deixa seu ego e sua vaidade falar mais alto, continuando a exibir suas habilidades na roda de capoeira, enquanto o mestre seguia desprotegido.

Foi neste deslize que seu mestre foi alvejado a tiros por um capanga a mando do coronel. Besouro tentou intervir, mas chegou tarde demais e o mestre já havia sido atingido pelos tiros. Ferido mestre Alípio pede que Besouro, e apenas ele, o leve para as ruínas da antiga senzala abandonada, onde ele ensinava capoeira para os seus discípulos, mestre Alípio diz para Besouro que não se culpe pelo ocorrido, pois aquilo precisava acontecer para desencadear a luta que viria a acontecer, e em seu último pedido, pede que Besouro assumo seu lugar na liderança da luta pelos direitos das pessoas negras.

Durante uma roda de capoeira clandestina que aconteceria em homenagem a mestre Alípio em um local escondido, em uma antiga ruína, camuflada pela escuridão da noite, iluminada apenas pela fogueira, aparecem os capangas do coronel que foram armados até o local com o intuito de acabar com a manifestação cultural se utilizando da violência e quebrando com um golpe do cabo de uma espingarda a perna de um do capoeirista que ousou desafiar-los. Assistindo todo o ocorrido escondido, Besouro se isola, se escondendo nas matas e nas ruínas da antiga senzala e recorda as



lições de seu mestre, que o ensinara que um pode ser forte, mas que muitos juntos são mais fortes, estimulando a união entre as pessoas oprimidas.

Em uma gruta, Besouro tem um encontro com as divindades africanas Oxum e Ogun e com o espírito de Alípio que lhe diz que ele está pronto para encontrar aquele que lhe mostrará o caminho, foi então que em uma ida ao mercado da cidade Besouro tem um encontro com o Orixá Exu que lhe cobra reverência. Besouro, então, se nega a se prostrar diante de Exu e inicia uma luta com a divindade, enquanto ela o questiona sobre sua negligência com a segurança de mestre Alípio. Besouro reconhece Exu como seu senhor e após um rito de fechamento de corpo para sua proteção feito por uma mãe de santo dá início a uma série de ações que visam atingir o poder político e econômico dos coronéis, tocando fogo em plantações de cana, e sabotando o engenho, colocando uma barra de ferro entre as engrenagens, declarando assim, guerra ao coronel.

Tem início a perseguição de Besouro ordenada pelo coronel, porém sem sucesso em capturar Besouro, o coronel questiona seus capangas que afirmam que Besouro tem o poder de “vira bananeira”, enquanto é perseguido e que o mesmo tem o corpo fechado, por isso não pode ser atingido. O coronel, então se aproveitando de uma rixa entre Besouro e Quero-Quero, procura conseguir informações que o possibilitem a captura de Besouro, bajulando Quero-Quero para que o mesmo dê informações do paradeiro de Besouro e de como fazer para matar alguém que tem o corpo fechado. Quero-Quero morde a isca do coronel, dizendo que a única coisa que pode atingir uma pessoa com corpo fechado é uma arma branca feita de uma madeira chamada Ticuna, o coronel então manda confeccionar uma faca de Ticuna para iniciar um embate com Besouro, após uma perseguição consegue atingir Besouro que morre em decorrência do ferimento.

Porém as ações, ideias e as mortes de Besouro, assim como a de seu mestre Alípio desencadeiam por parte das pessoas negras o espírito de luta pelos seus direitos que passam a combater com mais coragem a discriminação racial e as tentativas de repressão de sua identidade cultural.

Por tudo que representou, Besouro é ainda hoje reverenciado como ícone na luta pelos direitos das pessoas negras no Brasil, vale ressaltar que a capoeira e as religiões de matriz africana são dois dos principais elementos causadores da união do povo negro nas lutas por igualdade de direitos, na representatividade cultural e social destacadas no filme.

Em suma, Besouro é um filme que apresenta a importância da capoeira na conscientização da necessidade de união do povo negro em prol da luta por seus direitos. A mesma hoje é praticada em diversos lugares do mundo, levando o poder da cultura negra a lugares que às vezes podem ser desconhecidos. No próprio filme vemos a capoeira, no ato de reconhecer a importância da capoeira



para a cultura brasileira, a capoeira foi considerada em 2008 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Para concluirmos devemos considerar que o filme reflete a sociedade da época que há poucos anos tinha saído do processo de escravização dos negros, uma sociedade regida pelo racismo e pela falta de oportunidades para essas pessoas que mesmo “livres” estavam sujeitas a outras pessoas e leis as tornavam inferiores em vários sentidos. A capoeira por muito tempo foi considerada crime e para manter essa cultura viva personagens históricos como Besouro, muitas das vezes eram sujeitados a praticar a capoeira fora dos olhos das autoridades e com o receio de serem submetidas a castigos físicos, assim como o filme nos mostra. A incapacidade de acreditar em si próprio por causa da cor de pele não é algo somente daquela época, a sociedade atual é cercada de situações que fazem os negros terem o mesmo pensamento que Besouro teve quando ainda criança de sentir-se incapaz por conta da sua cor de pele, o espaço que conseguimos hoje é consequência de lutas de figuras como a de Besouro.

Apesar da representatividade que o filme traz e a importância de se trabalhar a cultura e religião afro-brasileira temos uma influência muito grande do cinema estadunidense, no qual os personagens são apresentados com heróis que possuem superpoderes, em uma tentativa de transformar uma figura histórica em um herói, no caso do personagem Besouro, um super-herói com o poder de voar. Apesar da apresentação do personagem no filme, não será anulado o brilhantismo do Besouro real de manter a sua cultura viva, cultura que permanece viva até os dias atuais como arte, dança e uma luta livre de criminalização.



RESENHA CRÍTICA DO FILME KBELA

Elissandra Vieira da Silva¹⁹

KBELA. Direção: Yasmin Thayná. Produção de Criative Commons. Brasil: Youtube, 2015. 21 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE&t=92s>. Acesso em: 28 jan. 2022.

“Kbela” é um filme de curta-metragem cuja representação, em sua totalidade, é feita por mulheres negras. Com roteiro e direção de Yasmin Thayná, recebeu o prêmio de melhor curta-metragem da Diáspora Africana da Academia Africana de Cinema (AMAA Awards 2017). Traz consigo um ato de resistência perante a sociedade eurocêntrica que tenta impor o chamado “modelo ideal de beleza”. Um filme que retrata o empoderamento das mulheres negras diante dessa política que existe por detrás dos cabelos crespos, colocados como algo inferior. Um filme que vem como um protesto ao embranquecimento que, por sua vez, valoriza unicamente as características caucasianas.

O documentário traz consigo um legítimo ato de resistência ao apresentar, em seu decorrer, mensagens simbólicas sobre a cultura étnica da mulher negra, que podem ser observadas na forma com que as mulheres são caracterizadas durante o curta-metragem. O filme mostra que a forma da mulher negra se vestir não tem apenas uma função estética, mas sim, trata-se de um ato de resistência frente à cultura da beleza imposta atualmente.

Todo o processo de produção do filme partiu do apoio das redes de afeto e da internet, onde o elenco foi selecionado através das redes sociais, garantindo assim uma grande diversidade de personagens que também colaboraram com suas histórias pessoais para serem incorporadas ao curta-metragem.

Sua primeira exibição pública no dia 12 de setembro de 2015, no Rio de Janeiro, no Cine Odeon, foi um sucesso que culminou em outras exibições, levando o curta para o cenário nacional e internacional em exibições especiais.

No cenário mundial, o Brasil é tido como um país de misturas que, mesmo trazendo em seu interior diversas etnias, carrega consigo uma historicidade que pregava, desde a sua colonização, uma cultura racista que valorizava as culturas europeias e buscava replicá-las no país, seja com os povos africanos que vinham escravizados, seja com os povos indígenas que já viviam no continente.

¹⁹ Acadêmica de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac



Diante dessa perspectiva, o filme traz um tema que se faz presente desde a fundação do Brasil: a opressão e a não aceitação da sua ancestralidade, por meio da desvalorização da beleza negra e, mais especificamente, da beleza dos seus cabelos.

Kbela (2015) tem a intenção de mostrar a construção de presenças da mulher negra através dos seus cabelos. Já no primeiro ato do documentário é possível ver a atriz Maria Clara Araújo levando à boca uma substância preta que lembra um alisante e, posteriormente, quase ao final do plano, ela faz uma expressão de vômito, o que pode ser entendido como a relação das mulheres negras com a indústria da moda e suas tendências que sempre priorizam o perfil de mulher branca e cabelos lisos, e as consequências negativas que isso causa às mulheres negras em todo o mundo.

Tudo isso gera uma forma de preconceito generalizado, o que se constitui em uma agressão direta a todas as mulheres negras, seja por meio de insultos ou até mesmo agressões físicas, conforme demonstrado no terceiro plano, que apresenta diversas bocas pintadas com glitter pronunciando palavras ofensivas às mulheres negras como: “bombril”, “tízil”, “pichaim”.

No quarto ato é mostrada a cabeça de uma atriz sobre a mesa sendo molhada por outra personagem com diversos produtos como azeite, cremes e vinagres. Tal cena possibilita uma reflexão a respeito das mulheres negras e suas incansáveis tentativas de atender às formas estéticas que são impostas por essas tendências, agredindo seus cabelos com diversos produtos de alisamento capilar.

A partir do nono plano, é possível perceber a tentativa das mulheres negras de se libertarem dessa estética totalmente racista e que oprime a verdadeira beleza da mulher negra, fazendo com que elas se desliguem da sua ancestralidade. É possível ver uma atriz ao fundo de um corredor cercado por árvores e pela escuridão da noite, com um saco preto à cabeça, e sua luta para se libertar daquela escuridão.

Neste novo ato, é possível ver o início de um novo ciclo de libertação daquilo que estava matando a cultura ancestral da mulher negra, que passa a exercer sua liberdade de se expressar e sua autenticidade. Dessa forma, a cena apresenta o renascimento de cada mulher negra que sofre com o racismo que está articulado ao patriarcado e ao capitalismo.

Ao fazer uma reflexão acerca do racismo que é imposto a negros e negras na história, Gomes (2019) afirma que este tema, que envolve diversas esferas da sociedade como a econômica, social, cultural e psicológica, vem ganhando força, na contemporaneidade, com a escrita negra sobre sua própria história.

Um tema que é bastante destacado no filme é o do branqueamento, visto que para se sentir parte da sociedade, a mulher negra se submete a métodos estéticos agressivos a fim de se encaixar nesse padrão de beleza que prioriza a mulher branca, com seus cabelos lisos e corpos magros. Ao



mesmo tempo, o filme mostra como isso vai se desfazendo quando esse novo ciclo vai se iniciando, e a mulher negra vai se aceitando do jeito que é, se agarrando a sua cultura e a sua história.

Durante o processo de transição capilar ao qual uma das atrizes está se submetendo, canta-se uma música que remete às origens da mulher negra e suas raízes ancestrais, canto esse que dá força àquelas mulheres, a partir daquele novo ciclo. Ao final do documentário, essas mulheres podem se encontrar nesse mundo de forma significativa, empoderadas, guerreiras e abraçando a sua ancestralidade africana que está presente na natureza.

O documentário em si tem um impacto social que envolve a cultura negra, sua religiosidade e toda sua ancestralidade. Ele aborda a relação da indústria da moda que oprime essas mulheres negras e faz com que elas se submetam a métodos estéticos agressivos que causam dor e angústia, para que se encaixem nessa sociedade que ainda é bastante racista.

O embranquecimento é um tema mostrado no filme de forma única, no qual a mulher negra vai perdendo a sua identidade e se tornando invisível nessa sociedade que prioriza a beleza caucasiana. Ao mesmo tempo, ele mostra como a luta pela própria identidade acontece, luta essa que atualmente vem ganhando força e trazendo o protagonismo que por muito tempo foi negado à mulher negra com sua beleza única.

A autora mostra como essa luta vai se transformando e trazendo um novo ciclo de superação dos preconceitos e aceitação da sua cultura e ancestralidade, assim como a sua beleza legítima e natural. As cenas do filme mostram, além dessa aceitação, a fé e o renascimento do seu “eu”, destacando que a beleza da mulher negra, sua cultura, suas roupas coloridas, cantos e religião, trazem consigo mais do que a aparência; carregam suas raízes, e isso é mostrado pela representação de diversas mulheres negras que no decorrer dos últimos anos, estão se aceitando e se livrando do que é imposto a elas, pois descobrem que podem se amar do jeito que são.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. A Compreensão da Tensão Regulação/Emancipação do Corpo e da Corporeidade Negra na Reinvenção da Resistência Democrática. **Perseu**. História, Memória e Política, São Paulo, v. 1, n. 17, p. 124-142, fev./2019.



O DRAMA, A TRAMA E A CHAMA: ALI, O FILME

José Luiz Magalhães Freire²⁰
Marcelo Freire Rocha²¹

Ali (Original). Direção: Michael Mann. Distribuição: Columbia Pictures Corporation, 2001. (157 min.)

Ali (Original), produzido em 2001 nos Estados Unidos da América e dirigido por Michael Mann, estreou no Brasil em 30 de agosto de 2002. Tem duração de 157 minutos e classificação 12 anos, por conter cenas de violência, sexo e drogas lícitas. Seu gênero é biografia, drama e esporte e está disponível na plataforma de vídeos da Amazon Prime.

Cassius Clay (Will Smith) era um grande lutador nos ringues de boxe e, fora deles, uma pessoa inteligente que impressionava pelo seu fácil palavreado. Logo ele se tornou uma das principais personalidades do esporte mundial nos anos 1960, principalmente após se converter ao islamismo, trocar seu nome para Muhammad Ali e se recusar a lutar na Guerra do Vietnã.

O filme inicia com a chamada de Cassius Clay ao ringue, mesclando a fala do apresentador com um show de jazz que está acontecendo na região. Cassius Clay Jr. ou, como gostava de ser chamado, Cassius X (por causa de sua relação de amizade com Malcom X), é o nome de origem de Ali, dado por seu pai que também possui este nome.

Muhammad Ali, nome adotado por Cassius Marcellus Clay Jr., nasceu em Kentucky, nos Estados Unidos, no dia 17 de janeiro de 1942. Seu pai era um pintor de faixas e cartazes e usava a crença cristã para conquistar dinheiro em suas produções; já sua mãe era uma empregada doméstica. Muhammad Ali (1942-2016) foi um pugilista norte-americano, considerado um dos maiores boxeadores da história.

Cenas não tão distantes revelam o clima de tensão presente no contexto histórico da década de 1960 nos EUA em relação às manifestações de racismo e atritos raciais. Intrigante, uma das cenas iniciais revela uma lembrança de Cassius, quando criança, em que ele entrava em um ônibus no qual se tinha definido onde as “pessoas de cor” (maneira que se referiam aos negros) poderiam ficar, ou seja, na parte detrás do automóvel.

²⁰ Acadêmico de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac

²¹ Acadêmico de Licenciatura em História na Universidade Federal do Acre (Ufac). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Área de História/Ufac



Cassius Clay conheceu Elijah Muhammad, que era líder de um movimento conhecido como “Nação do Islã”, fundado em Detroit. Criado sobre os dogmas e doutrinas da Igreja Batista e influenciado pelos seus pais, foi atraído pela causa que representava o ódio racial em relação à violência de brancos contra negros. Cassius frequentava, porém, continuava com seu envolvimento não explícito ao grande público. Foi nessas reuniões que conheceu seu grande amigo e mentor de Malcom X. A priori, Ali não foi aceito pela Nação do Islã devido a sua carreira de pugilista. Sua aproximação de Malcolm X e de Elijah e a racha dos dois ganhou destaque na trama do filme, demonstrando a relação de duas das maiores personalidades negras que tiveram bastante influência na luta contra o racismo e a segregação.

Após vencer a primeira luta e se sagrar campeão em cima de Sonny Liston, em fevereiro de 1964, Cassius Clay tornou pública sua adesão ao islamismo. O símbolo dessa mudança foi representado em seguida com a troca do que ele revela ser seu “nome de escravo” por outro de elevação espiritual. A partir daquele momento, ele seria Muhammad Ali (Muhammad de Maomé e Ali de elevado).

Grande parte do filme se desenvolve contando a história em que Ali faz oposição à guerra dos EUA versus Vietnã. Em 1966, o campeão mundial de pesos pesados Muhammad se tornou apto a ir lutar em favor do desejo dos comandantes do exército americano. Quando soube da notícia, Ali disse: “Não tenho nada contra esses vietcongues”. Assim, de maneira descontraída, ele revelou que não era seu desejo travar uma batalha que não era sua e que certamente também não era o desejo de grande parte dos americanos que mostraram isso em diversas manifestações contrárias a esses conflitos. A recusa do alistamento foi levada aos tribunais e lhe custou a perda do título mundial. Também foi banido do boxe por três anos, além de ser condenado a cinco anos de prisão.

O enredo do filme não revela com precisão uma narrativa acessível para quem não tem grandes conhecimentos sobre o lutador Mohammed Ali. O filme não apresenta de maneira explícita o espaço temporal de ocorrência de uma cena para outra. Por exemplo, a primeira luta do filme já é uma disputa de cinturão (representação de conquista dentro de vários esportes, incluindo boxe) de pesos pesados mundiais, sendo que mesmo quem não conhece bem o boxe ou outros esportes, sabe que para se chegar nessa disputa é preciso ocorrer uma série de vitórias. Essa forma de apresentar o filme pode ser um dificultador para quem busca saber mais sobre a vida e a trajetória do pugilista, pois sem as devidas marcações temporais, as cenas vão acontecendo, o tempo passa e quem não conhece bem a história pode ficar meio por fora do que está acontecendo.

A falta de desenvolvimento de certos personagens também pode ser considerada uma falha do enredo. Como exemplo é possível citar cenas com o seu pai, nas quais este aparece com raiva e



gritando com Mohammed Ali. Entretanto, o filme não desenvolve esse drama paternal. O mesmo acontece com as esposas do protagonista que vêm e vão. No filme, a vida de Mohammed Ali foi abordada em quatro temas: esporte, política, religião e vida particular que se misturam entre si. Assim, Mohammed Ali usa da fama do esporte para poder falar de política e da sua fé. Sua vida pessoal também é fortemente relacionada a tudo isso. Entretanto, o filme não consegue conectar tantos temas e personagens da vida grandiosa do seu protagonista. O diretor busca abarcar vários aspectos da vida do lutador, desde seus casamentos fracassados à vida política, em um roteiro que, ao tocar em diversos assuntos, perde o foco que é Mohammed Ali. O que sobra é o grande legado de Mohammed Ali, que foi bem desenvolvido.

Entretanto, a jornada icônica dentro do esporte e na vida pessoal de uma enorme personalidade negra apresenta facetas que as medalhas e os cinturões não podem revelar. Sua luta antirracista e seus ideais demonstram a grandeza de sua história, que merece ser apreciada mesmo em um filme que já foi lançado há duas décadas.



BEM-VINDO A MARLY GOMONT RACISMO E SUPERAÇÃO NA OBRA DE JULIEN RAMBALDI

Paulo Alves de Azevedo²²
Andrisson Ferreira da Silva²³

Bem-vindo a Marly-Gomont. Direção: Julien Rambaldi. Roteiro: Julien Rambaldi, Benoît Graffin. Distribuição: Mars Films, 2016. (1h34min).

Bem-vindo a Marly Gomont (*Bienvenue à Marly-Gomont* – título original) é uma produção cinematográfica ambientada na década de 1970, baseada na vida de Seyolo Zantoko, um médico que sai da África, mais precisamente da República do Congo, com sua família com destino a pequena cidade de Marly Gomont, um vilarejo provinciano no interior da França, local em que as pessoas levam uma vida pacata.

O filme, com toque de drama e humor, é dirigido por Julien Rambaldi, com roteiro de Kamini, filho do médico e estrelado pelo ator Marc Zinga e atriz Aissa Maiga, Bayron Lebli e Médina Diarra. De nacionalidade francesa, Rambaldi dirigiu também *Labor Day* e *Les meilleurs amis du monde*, porém Marly Gomont é o único que aborda a temática étnico-racial.

O filme inicia com a formatura do médico, momentos depois o recém-formado recebe uma ligação para prestar serviço ao general-ditador do seu país, entretanto, recusa a proposta, pois quer morar na França e obter cidadania francesa. A oportunidade aparece quando o prefeito da pequena Marly Gomont, um vilarejo do interior da França, oferece o cargo para que ele exerça sua profissão.

Contratado, o médico chega ao local num dia chuvoso, e se depara com um caminho, dando-nos indícios de que poderia ser ou não a decisão mais correta. A casa a que chegam é carente de aquecimento e maiores comodidades. E para o espanto de seus vizinhos, de frente, são como uma utopia: pretos que chegam em um dia chuvoso para viver à frente de sua residência. É a novidade para os brancos adormecidos em seu costume de sempre enxergarem pelas claras – os retintos eram a extrema estranheza daquela geografia europeia.

Nesse sentido, para entender o roteiro que discorre a experiência da família Zantoko, podemos dividir a produção em três momentos: o consultório, a escola e a comunidade.

²² Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Sociologia pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Acadêmico do curso de Licenciatura em História na Ufac. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Faz parte do Programa de Residência Pedagógica da área de História

²³ Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). É integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN). Faz parte do Programa de Residência Pedagógica da área de História.



Começemos pela comunidade. Sendo uma cidade europeia, até aquele momento os habitantes não haviam visto pessoas negras, causando espanto, admiração que mais adiante se reveste de racismo, preconceito e xenofobia.

Tal reação faz-nos lembrar da série de animação ‘Super choque’, quando o protagonista vai à África e se descobre garoto como outro qualquer e não como um garoto negro. Fazendo o caminho inverso, os protagonistas se veem numa condição totalmente oposta; assim, a família do médico em seu país de origem era somente mais uma família, ao passo que chegando noutra ambiente é vista como uma família diferente, uma família negra, experimentando diversas formas de preconceito e racismo.

Ademais, outro momento interessante é quando a esposa do médico passeia pela cidade e ao ser cumprimentada as pessoas dizem “desconjuro”. Para ela, uma saudação casual, no entanto descobre que é uma forma preconceituosa de cumprimentá-la. Em uma cena mais adiante ela encontra algumas vacas e diz: “O que foi? Nunca viram uma negra?”

Na escola os filhos do médico são recepcionados pela direção, tratando-os com cordialidade, situação diferente entre os alunos. No primeiro dia de aula eles são observados pelos alunos brancos, que fazem um círculo em volta deles, olhando-os com espanto e admiração. Essa cena é emblemática, na medida em que rememora a fase da expansão imperialista no século XIX, quando foram montados zoológicos humanos de pessoas advindas da África para satisfazer a curiosidade do branco europeu e justificar o racismo científico. Obviamente que essa não é a tônica do filme, mas a presença das crianças negras na escola, bem como na comunidade é algo diferente – nos faz lembrar a extensa e contínua colonização que está a viver por séculos as sociedades negras.

Em alguns trechos do filme, os predicativos atribuídos aos filhos do médico são os mais depreciativos, desde “carvão” a “macaco”, inclusive acham que o pai é “macumbeiro” e que não existe médico negro (retrata o garoto à mesa durante o jantar a maneira como são enxergados). A invisibilidade dos saberes africanos é notória, pois já se discute na academia e em outros meios o surgimento da medicina e de outros conhecimentos como engenharia, arquitetura, astronomia, dentre outras ciências, na África.

O consultório é um dos elementos principais da trama, embora grande parte das filmagens se passe fora dele. Ao abrir o estabelecimento, a primeira paciente que chega para a consulta é uma mulher grávida, mas ao vê-lo se recusa ser tocada pelo mesmo. A situação se generaliza, ao passo que os moradores do pequeno vilarejo se dirigem a outra localidade para consultas. Posto isso, é importante perceber que séculos de inferiorização e demonização dos povos africanos, tornaram a viabilização da naturalização do racismo, por meio do medo e repulsa, algo que é construído na



representação imagética dessas comunidades europeias por meio da literatura, do cinema, dos boatos, etc.

Conquanto, a fim de conquistar a confiança dos habitantes, o doutor Seyolo começa a frequentar os espaços da cidade, principalmente um bar. Sua chegada é recebida com um ar de silêncio e temor por parte do público masculino que ali estava – mas, a frente é nesse bar que vai encontrar uma forma de distração e relacionamentos outros no lugar distante de sua realidade cultural e social. Destarte, nessa interação, dois homens o procuram no consultório; após a consulta ele cobra pelos serviços, entretanto os pacientes não o pagam por não o considerarem um médico de verdade, o nomeando de “doutorzinho”.

Pelo fato de não ter pacientes e passando por dificuldade financeira, o médico procura emprego numa fazenda, causando desconfiança em sua esposa, pensando que ele tem uma amante, mas ela descobre que o marido estava a trabalhar como um camponês (isso explicava seu cansaço diário após chegar em casa). As interferências racistas e a luta pela sobrevivência afloram os sentimentos desconfortáveis entre o casal, causando instabilidade emocional.

São exploradas algumas das nuances do racismo, que, em muita medida, é construído a partir do desconhecimento e da falta de interesse em dialogar com pessoas provenientes de outras culturas. A produção é um registro do encontro da negritude com a branquitude, explora o negro como sofredor das atrocidades políticas, do choque cultural e do racismo.

O médico preto é posto em uma maratona contra o tempo, tendo que desenvolver estratégias para suprimir a falta de dinheiro, a descredibilização de seus conhecimentos e de sua profissão. Seu consultório é o reflexo do negro ante o branco, que se torna um objeto, que mesmo sendo capacitado nunca é suficiente, pois o que marca a sua primeira impressão é a sua cor e não os seus saberes e potencial.

Quanto a culturas diferentes, um tom humorístico é introduzido na produção a partir da chegada da família do casal durante o natal. Nesse momento da família, em conversa à mesa, um dos parentes de Seyolo explana que esse poderia ter ficado em seu país de origem e não estaria naquela cidade distante e fria, pois recusara o convite para ser médico particular de um dos políticos ditadores. Então, enfurecida, sua mulher que não sabia da informação o faz prometer que assim que possível sairiam dali. O cansaço de sua esposa já era nítido mediante ao racismo vivenciado na cidade.

Há situações que o vão fazendo ganhar credibilidade no decorrer do filme, uma delas é o chamado urgente de um morador da cidade para auxiliar a mesma mulher que entrara em trabalho de parto e se recusara a ser tocada pelo médico em sua primeira consulta. Uma vez que o hospital mais próximo estava a quilômetros de distância, ele se tornara a alternativa mais viável de ajuda.



Ao chegar ao local, é interessante observar a atitude da esposa, que mesmo com fortes contrações assusta-se com a decisão do marido em pedir ajuda ao médico negro. Não tendo opção, ela começa a ver o trabalho de Seyolo, que é xingado de “maldito”, “praga do demônio”, “cara de macaco” durante seus esforços para o nascimento do bebê. Mesmo assim, seu sorriso é esboçado com a vinda da criança. A nova mãe, após a tensão, desculpa-se com ele.

O médico começa a conquistar uma posição de prestígio na comunidade. O consultório passa a ficar lotado e vai na contramão do racismo e do preconceito deliberado por muitos. Um momento de tensão é incrementado para dar uma quebra no roteiro de progresso e conquista; em um jantar em que são convidados, a mulher de Seyolo escuta do prefeito e de sua esposa que ficaram felizes por ter aceitado a proposta de ficar na cidade, algo que sua esposa não havia sido informada, e o que também ia contra a promessa feita no natal passado. Posto isso, em próxima cena ela se retira e o deixa com os filhos, aborrecida pelo que estava acontecendo, alegando que deveria se preparar para ver os filhos esporadicamente caso desejasse ficar na cidade.

O fato é que a presença do médico africano na cidade escancara no filme um jogo político e de racismo por parte de um candidato à prefeitura e de oposição ao prefeito que o havia contratado. Após articulações contrárias ao profissional, consegue um mandado de prisão, para que não exerça mais a medicina no território francês, tampouco consiga sua cidadania no país.

Após a sua soltura, muitos de seus pacientes e então amigos, prestam sua solidariedade e repúdio ao que ocorrera. Mas ele, usando de estratégia, tem uma atitude para ficar na cidade. Sua filha, estava fazendo sucesso pela sua visível habilidade como jogadora de futebol, algo que estava a empolgar muitos torcedores do vilarejo. Seyolo começa a divulgar sua saída daquele lugar, e que somente exercendo o seu trabalho é que poderia ficar, algo que também impossibilitaria sua filha de jogar em eventos futuros.

Os cidadãos percebem que uma estratégia para que fique é trabalhando na cidade votando novamente no prefeito que o contratara e estava concorrendo à eleição. O prefeito ganha, os moradores do vilarejo assinam uma petição e ele volta a exercer sua função, com sua mulher o apoiando após ter retornado.

O fato é que ele poderia ter ido embora de Marly-Gomont, mesmo depois de todo o racismo e aversão enfrentada. Mas a luta era contra o preconceito, era para mostrar seu valor e que sua ida à aquele local não era em vão. Ser preto, africano e médico era um ato de resistência mediante as adversidades que o mandavam ir embora, mas ele ficava e insistia, sua luta não era contra um simples preconceito, era contra o racismo de pessoas que se aportavam em ignorância.

KAMI YAMAKI URIHIPË: “A ÚLTIMA FLORESTA” (2021)

Ramon Nere de Lima²⁴

A ÚLTIMA FLORESTA. Luiz Bolognesi. Brasil: Gullane Filmes; Buriti Filmes, 2021. (74 min)

A obra aqui apresentada se trata do filme documentário “A última floresta” (2021), baseado no livro “A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami”, escrito pelo antropólogo Bruce Albert e o líder do povo yanomami Davi Kopenawa Yanomami. Lançado em 2015, ele foca nas vivências e tradições do povo yanomami e seus embates pela sobrevivência contra as diversas ameaças representadas pelo homem branco. Foram reconstruídas de maneira essencial as falas de Kopenawa, protagonista do livro e do filme. Além do roteiro escrito em conjunto com o líder, Bolognesi teve a participação de outros indígenas yanomami.

O filme foi produzido por Luiz Bolognesi, que além de produtor, é roteirista e diretor de cinema. Nascido em São Paulo em 1966, Bolognesi é formado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, tendo sido redator do jornal Folha de São Paulo e da Rede Globo. Dentre as suas produções estão o documentário Guerras do Brasil.Doc, uma coprodução Buriti Filmes e EBC/TV Brasil (2019), os filmes Ex-Pajé (2018), Terra Vermelha (2008) e o longa-metragem de animação Uma História de Amor e Fúria (2013), além de inúmeras outras obras de temáticas variadas.

A perspectiva de constituição do filme apresenta uma valorização dos saberes e da vivência do povo yanomami e rompe com visões equivocadas sobre os povos indígenas, como por exemplo, “índio genérico”, “culturas atrasadas”, “culturas congeladas”, “índios pertencem ao passado” e “brasileiro não é índio” (FREIRE, 2009), demonstrando práticas do cotidiano que são essenciais para sua sobrevivência, no sentido material, mas também a importância das práticas xamânicas para sua sobrevivência no sentido espiritual.

Vale observar que na visão indígena não há um véu restrito entre o visível e invisível como o pensamento ocidental nos relegou. Ademais, são apresentadas as suas resistências contra as

²⁴ Mestrando em História pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila). Especialista em Metodologia de Ensino de História, Gestão Pública e Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi/2021). Graduado em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac/2021). Graduado em Ciência Política pelo Centro Universitário Internacional (Uninter/2019) e Graduando em Direito pela Universidade Federal do Acre (Ufac). *E-mail:* ramonnere99@gmail.com.



ameaças dos garimpeiros ilegais com uma combinação de elementos de sua própria cultura e do mundo não-indígena circundante.

O filme é uma produção profunda sobre a perspectiva indígena das múltiplas relações de vivências realizadas entre si enquanto povo originário possuidor de uma cosmovisão com diversas dimensões em diálogo - social, política, religiosa e cultural - com o mundo circundante detentor de outros signos e entendimentos diferentes dessas mesmas relações e o meio ambiente.

O povo Yanomami possui cerca de 35 mil pessoas e habita a região norte da floresta amazônica em uma região de fronteira com a Venezuela, na região do interflúvio Orinoco - Amazonas (afluentes da margem direita do rio Branco e esquerda do rio Negro)²⁵, uma área com grande biodiversidade, porém, visada para fins econômicos dos recursos naturais de maneira desordenada, tornando-se assim, alvo de uma exploração predatória e prejudicial para as comunidades originárias e o meio ambiente.

Primeiramente, é apresentada a narrativa cosmológica do povo yanomami sobre a sua origem. Eles remetem o seu ponto inicial à relação sexual da divindade *Omama* com a filha de *Tëpërësiiki*, dono das plantas cultivadas. A ele é dado o estabelecimento das regras socioculturais do povo yanomami atual, como também a criação dos espíritos que auxiliam os pajés: os *xapiripë*. A descendência de *Omama* surgiu o primeiro xamã. Já o seu irmão *Yoasi*, que possuía atribuições negativas, como ciumento e malvado, deu nascimento à morte e aos males do mundo²⁶. Esse momento inicial faz uma ligação do mundo mítico para a constituição de sua sociedade, a partir de uma continuidade temporal que perpassa a lógica ocidental de apartamento entre história e mitologia; trata-se do real e da fantasia influenciando a vivência atual do povo.

Percebe-se, desde o começo da narrativa, a importância do líder espiritual Davi Kopenawa, que em determinado momento convoca os demais pajés para realizarem um grande ritual de diálogo com os seres místicos das matas para fortalecimento de sua luta. Ele apresenta, assim, a vivência e as múltiplas constituições identitárias de seu povo, as formas de resistência contra as ameaças externas e os saberes milenares que auxiliam na sobrevivência deles.

São saberes ecologicamente constituídos que estão para além do pensamento abissal do conhecimento científico formalizado que o europeu centralizou como único (SANTOS, 2007). Nesse caso, para além da preocupação com os invasores não-indígenas, também é trazido o diálogo

²⁵ Informações encontradas no site do Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 15 jan. 2022

²⁶ Informações encontradas no site do Instituto Socioambiental (ISA) sobre o povo yanomami. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 15 jan. 2022



com o xamanismo em sua preponderância para os yanomami, em sua forma conhecida como pajelança. Segundo Maués e Villacorta (2011, p. 11), o termo pajelança faz referência a:

uma forma de xamanismo em que se dá a ocorrência do fenômeno de incorporação pelo pajé, sendo seu corpo tomado, no transe ritual, por entidades conhecidas como encantados ou caruanas. É assim possuído por essas entidades que o pajé amazônico realiza seus 'trabalhos' ou sessões xamanísticas, ocupando-se nelas, principalmente, da cura de doentes (MAUÉS, VILLACORTA, 2011, p. 11).

A figura de Kopenawa faz o intermédio com os espíritos da floresta ou os encantados, ou seja, “[...] são guardiões dos espaços, punindo, de diferentes maneiras, quem os molesta; quem pesca ou caça além do necessário; quem maltrata os animais; quem destrói as florestas; quem penetra nos lugares sagrados sem pedir licença ou permissão” (OLIVEIRA, 2012, p. 112).

Além disso, nesse processo ritualístico os conhecimentos são transmitidos e, ainda, há uma consciência ecológica da preservação do meio ambiente e de sua importância para o desenvolvimento e manutenção de suas vivências e relações com os antepassados.

Ademais, a narrativa também traz, em muitos momentos, a relação que os yanomami possuem com o território. Para eles, “urihi”, a terra-floresta, não é apenas um espaço inanimado de aproveitamento econômico (o que para os não-indígenas seria a “natureza”).

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra (KOPENAWA; ALBERT, 2019, p. 65).

Eles possuem a perspectiva que se trata de uma entidade viva, unida numa profunda dinâmica cosmológica de trocas recíprocas entre humanos e não-humanos. Desse modo, atualmente se encontra sob ameaça da exploração desenfreada de garimpeiros, madeireiros e caçadores ilegais.

Os mundos visíveis e invisíveis se encontram a todo momento ao longo do filme demonstrando a relação intrínseca entre eles, além de oferecerem significado para a resistência dos yanomami contra as investidas dos garimpeiros ilegais e as “atrações” oferecidas pelo mundo não-indígena. Logo, a figura de Kopenawa se sobressai com conselhos a um jovem que aparentemente está se encantando com estes elementos de fora da sua cultura de como ele sempre vai viver deslocado e ter que conviver no “mundo dos brancos” com perguntas: “O que este morador da floresta faz aqui? Não deveria ter vindo”.



Nesses entremeios, entre as práticas do cotidiano e as práticas xamânicas, também ressaltam-se momentos dolorosos do encontro entre os yanomami e os não-indígenas, como o Massacre de Haximu (1993), evento que vitimou mais de 16 indígenas, entre homens, mulheres e crianças, pela ação invasora de garimpeiros ilegais²⁷.

Desse modo, a obra mostra de forma primorosa o cotidiano do povo yanomami, suas múltiplas relações consigo, com os outros e com a “urihi” (terra-floresta), salientando as vivências cotidianas, as práticas religiosas, as resistências e como tudo isso está interligado para sua sobrevivência.

Portanto, o filme “A última fronteira” retrata alguns dos diversos dilemas enfrentados pelo povo yanomami, de maneira especial, neste contato com os não-indígenas. Mas também apresenta a potência, a beleza, a sabedoria ancestral e a plenitude do modo de vida desse povo que foca suas relações com diversos seres e o ambiente ao redor, no presente e no agora.

A obra, por se enquadrar no gênero documentário, pode ter características que não agradam a um público mais jovem. Contudo, a temática indígena abordada é de suma importância para o entendimento da situação de povos originários na Amazônia e seus conflitos. A linguagem é acessível e a narrativa não torna o filme cansativo. Assim, recomenda-se essa produção para todas as faixas etárias, mas especialmente para adultos interessados no assunto.

A produção cinematográfica contribui com reflexões sobre como se desenvolve a relação simbiótica entre os yanomami, os seres místicos e o meio ambiente, bem como as relações identitárias construídas dentro do próprio povo e que se contrapõe ao “mundo dos brancos”. Pode-se dizer que é uma denúncia poética realística de como resistir, viver e ensinar dos povos originários aos não-indígenas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. O saber construído a partir de nós. **Caderno CENESCH**, 2009.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e encantaria amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. pp. 11-58.

²⁷ Informações coletadas no site do MPF/RR. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/rr/memorial/atuacoes-de-destaque/massacre-de-haximu>. Acesso em: 14 jan. 2022



OLIVEIRA, Karla Cristina Damasceno de. **Curandeiros e pajés numa leitura museológica: o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo-PA**. 2012. Dissertação (mestrado em Museologia em Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, 2007, 71-94.